



FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS
CURSO: JORNALISMO

ISIS MENDES MOTA
RA: 20942932

JORNALISMO ESPORTIVO DE SAIA
A participação feminina no Jornalismo Esportivo

BRASÍLIA
2013

ISIS MENDES MOTA

JORNALISMO ESPORTIVO DE SAIA
A participação feminina no Jornalismo Esportivo

Monografia apresentada como um dos requisitos para a conclusão do Curso de Jornalismo da Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília

Orientador: Professora Cláudia Busato

BRASÍLIA
2013

ISIS MENDES MOTA

JORNALISMO ESPORTIVO DE SAIA
A participação feminina no Jornalismo Esportivo

Monografia apresentada como um dos requisitos para a conclusão do Curso de Jornalismo da Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília

Orientador: Professora Cláudia Busato

Brasília, ____ de _____ de _____

Banca Examinadora

Professora Claudia Busato

Professora Flor Marlene

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. Introdução | 7 |
| 1.1 Objetivo Geral..... | 8 |
| 1.1.1 Objetivos Específicos..... | 8 |
| 1.2 Justificativa..... | 8 |
| 1.3 Metodologia..... | 9 |
| | |
| 2. História do Jornalismo Esportivo | 10 |
| | |
| 3. História da Imprensa Feminina | 14 |
| | |
| 4. Elas no Mercado de Trabalho | 18 |
| | |
| 5. Elas no esporte | 21 |
| | |
| 6. Elas na cobertura esportiva | 25 |
| | |
| 7. Considerações finais | 29 |
| | |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 31 |

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, pela fonte de fé que me fez chegar até aqui e que me fará chegar muito longe. Por me fazer acreditar num mundo mais justo, mais humano e mais fraterno, crença essa que me mantém em pé todos os dias da minha vida. Sem Ele, não estaria aqui.

Ao concluir este sonho, lembro-me de muitas pessoas a quem resalto reconhecimento, pois, esta conquista concretiza-se com a contribuição de cada uma delas, seja direta ou indiretamente. No decorrer dos anos, vocês colocaram uma pitada de amor e esperança para que neste momento findasse essa etapa tão significativa para mim.

Aos meus pais e irmãos. Pela dedicação, carinho, por não me deixarem desistir. Pela confiança depositada, pelo apoio em cada dificuldade e pelo melhor amor do mundo. Vocês são a certeza de que não estou sozinha nessa caminhada.

À minha sobrinha, Isadora. Você é o amor da minha vida. Te amo desde o momento que soube que você chegaria para alegrar os meus dias.

Às minhas irmãs de coração: Társis, Rafaela e Melissa. Não cabe em mim toda a gratidão que sinto por todos os momentos compartilhados. Por toda a amizade, cumplicidade, felicidade e por estarem tão presentes na minha vida. Vocês são de ouro. Obrigada por tudo.

Aos meus amigos queridos. Por tudo que dividimos e por tudo que ainda vamos vivenciar juntos.

Aos professores que me acompanharam durante todo esse processo. Por todas as experiências divididas durante tantos encontros diários. Obrigada por me levar à dúvida, à busca de novos encantos pelo mundo adiante.

A todos aqueles que de alguma forma estiveram e estão próximos de mim, fazendo esta vida valer cada vez mais a pena.

Obrigada!

“Quem sabe se comunicar tem poder. Poder de influenciar, transformar, sensibilizar comover, convencer, esclarecer, agitar grandes lances, firmar sua presença no mundo”.

(Lair Ribeiro, 1993)

RESUMO

Essa monografia tem como objetivo apresentar o trabalho feito pelas mulheres dentro da cobertura esportiva. Para tanto, percorrer a história do jornalismo esportivo e suas mudanças, bem como a aparição das mulheres na prática esportiva até a cobertura feita por elas. Diferentemente dos séculos passados, onde as mulheres sequer podiam assistir aos jogos, hoje em dias elas estão envolvidas com o esporte, seja competindo ou fazendo a cobertura de diversos eventos esportivos por todo o país. Ainda que estejam em número menor dentro das redações, ao longo de anos, procuram superar o preconceito ligado a desenvoltura da mulher dentro do universo esportivo e assim conquistar espaço. Hoje elas entendem, acompanham e criticam o tema esportivo com propriedade. Neste estudo foram ressaltados temas como: jornalismo esportivo no Brasil, história da imprensa feminina, o ingressos das mulheres no esporte e na cobertura esportiva, e por fim a conclusão mostrando a razão das mulheres não possuírem o mesmo espaço que os homens dentro da cobertura esportiva.

Palavras-chave

Jornalismo esportivo; cobertura esportiva; mulheres; preconceito.

1. INTRODUÇÃO

“Num País redigido por homens as mulheres são notícia. Fazem notícia. Hoje representam grande passo na estrada da imprensa. Um grande salto. Um salto alto.” (Daniel Liidtkke).

A mídia costuma cobrir as modalidades esportivas no Brasil, ainda que na televisão aberta, por exemplo, essa cobertura seja mais direcionada para o futebol. Independente disso, o esporte se faz presente na vida da grande maioria das pessoas desde muito cedo. Seja por influência dos pais, ou grupo de amigos e vizinhança. Para ambos os sexos o esporte é mais do que uma curiosidade, um estímulo. Ele faz parte da vida seja torcendo em casa, dentro do estádio, ginásios, ou praticando. No âmbito profissional, o número de homens que praticam e fazem a cobertura esportiva é maior que o de mulheres. Isso demonstra que neste cenário, transformações sociais, como a luta das mulheres por igualdade, ainda é um ponto polêmico, onde a mudança é gradativa.

Na comunicação, a inserção do sexo feminino na imprensa brasileira ocorreu no final do século XIX e no início do século XX. A conquista de espaço das mulheres vem ampliando sua credibilidade em várias editorias do jornalismo ao longo do tempo. Nas redações esportivas, elas estão presentes em todos os meios de comunicação. Na televisão como apresentadores de jornais, comentaristas. No rádio, na mídia impressa e na internet também é possível notar a colaboração das mulheres em diversos assuntos ligados ao esporte.

Este estudo começa com a história do jornalismo esportivo no Brasil; e depois segue para a história da imprensa feminina no Brasil. Nos próximos capítulos são vistos o ingresso da mulher no esporte e dentro das coberturas esportivas. Por fim, a conclusão com a junção dos temas expostos, analisando as principais razões pelas quais existem mais homens do que mulheres dentro das editorias esportivas, bem como todo o processo de inserção delas nesse ambiente.

1.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo deste trabalho é percorrer a história do jornalismo esportivo e da imprensa feminina no Brasil, a fim de entender os processos de inserção da mulher nesse ambiente e o trabalho que é feito por elas hoje dentro das redações.

1.1.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer o percurso feito pelas mulheres dentro do esporte.
- Refletir em torno de como foi feita a inserção da mulher dentro do esporte brasileiro. Tanto como prática esportiva e como um meio profissional.
- Compreender a importância do papel social da mulher dentro do ambiente esportivo, sua história e conquistas.
- Entender a construção cultural e social do esporte no Brasil.

1.2 JUSTIFICATIVA

É relevante estudar esse tema, pois além de estarem se aproximando grandes competições esportivas no Brasil, é válido ressaltar a trajetória das mulheres jornalistas dentro do universo esportivo, lugar que antigamente era dominado pelo sexo masculino. Essa realidade também foi projetada no âmbito jornalístico, onde elas estão presentes em diversas áreas, como política, economia, investigação e no esporte, ponto de análise dessa monografia.

1.3 METODOLOGIA

As análises desse trabalho baseiam-se entre esporte, mulher, sociedade, função social, mídia e a história da imprensa feminina no Brasil. Fundamentalmente como se dá a aparição feminina dentro das práticas esportivas e mais tarde dentro das redações dos jornais. O estudo será feito por meio de pesquisa bibliográfica e documental.

Para efeito de ênfase, a constituição do material dará relevância aos fatos mais importantes do jornalismo esportivo feminino e que merecem ser discutidos com maior atenção. Posteriormente apresenta-se a conclusão com tudo o que foi visto, absorvido e compreendido ao longo deste trabalho.

Muitos autores foram utilizados como base nessa pesquisa, porém dois merecem ser destacados. Paulo Vinícius Coelho, jornalista esportivo brasileiro, formado em jornalismo desde 1990. Atua como comentarista de futebol, onde seu conhecimento sobre esquemas táticos dos times e uma memória afiada, demonstram seu olhar crítico sobre qualquer tema posto em discussão.

Dulcília Buitoni - também jornalista - trabalhou como editora, repórter e redatora durante sua carreira. Fez mestrado e doutorado sobre imprensa feminina, onde pode estudar através de teses e dissertações como que a mulher é representada na imprensa, e quais estereótipos ainda não foram modificados.

2. HISTÓRIA DO JORNALISMO ESPORTIVO

“O homem está interligado e correlacionado ao esporte desde os primatas, quando fugiam de animais predadores, lutavam por áreas e regiões e disputavam domínios no início das coletividades. Acredita-se que depois da alimentação, a mais antiga forma de atividade humana é a que hoje se conhece por esporte.” (História do Esporte, 2008). Existem indícios de atividades esportivas por volta de 2.000 aC. A evolução do tempo até os dias atuais, tornou o esporte profissionalizado e não somente em algo que pode trazer bem-estar. Independente da modalidade, os atletas disputam competições cada vez mais acirradas e aos olhos do mundo todo.

Com a acessibilidade aos meios de comunicação, as transmissões de diversas partidas em tempo real tornaram o esporte globalizado. Onde quer que as pessoas estejam é possível se conectar ao assistir a uma mesma partida de futebol, por exemplo. Em *Jornalismo Esportivo*, Paulo Vinícius Coelho, afirma que não é simples trabalhar com jornalismo esportivo:

A paixão não é suficiente para construir um bom profissional. É preciso seguir os fundamentos do jornalismo – afincos para buscar informações, isenção no trato com as fontes, discernimento. Talvez não haja área do jornalismo tão sujeita a intempéries quanto a cobertura de esportes. O profissional enfrenta o preconceito dos próprios colegas, que a consideram uma editoria menos importante, e também do público, que costumava tratar o comentarista ou repórter esportivo com mero palpiteiro. (COELHO, 2003, contra capa).

Esporte não é sinônimo de futebol, mas no Brasil o futebol é o esporte mais popular do país. Tanto a Copa do Mundo, quanto os campeonatos Estaduais fazem a cabeça de milhões de torcedores. A cobertura de esportes dá mais ênfase e espaço para o futebol, campeão de audiência, do que as outras modalidades esportivas.

Na sociedade brasileira, o esporte como um domínio associado à competição e ao uso desinibido do corpo teve no futebol um vínculo de notável popularidade. Talvez porque o futebol seja jogado em equipe, o que permite retomar no nível simbólico o ideal de uma coletividade exclusiva, como a de uma casa ou família. (DaMATTA, 2001, p. 33)

Ainda que o futebol seja uma paixão nacional, um jornalista envolvido com o assunto, não se tornará um especialista:

Ai de quem for apaixonado por futebol e entrar na redação pensando que irá escrever só sobre futebol. Ai mais ainda de quem tiver loucura por outro esporte. Quem for louco por vôlei, por basquete, quem tiver paixão por tênis e sonhar ser especialista no esporte de que gosta. Não, tal possibilidade não está excluída. Mas, se já dá trabalho conquistar reconhecimento na profissão trabalhando com futebol, é muito mais feroz a luta para chegar ao topo em outro esporte (...) O mercado não contempla quem quer aventurar-se nessas áreas específicas. Esse aventureiro poderá ter muito sucesso. Mas vai ter que brigar muito mais por isso. (COELHO, 2003, p.33 e 35)

O telejornalismo esportivo é o mais parcial ao se passar as informações para o público. Ao acompanhar uma partida de futebol, por vezes o gol de um time é narrado com mais intensidade do que do outro. Os locutores assumem um papel importante, já que suas vozes entram na casa de cada família, ou da reunião de cada grupo de amigos para tornar a partida em um espetáculo.

Todos os elementos para construir uma boa matéria jornalística estão ali. A disposição das câmeras, dos locutores, comentaristas e repórteres. É só usar o microfone e salientar o que há de bom, mostrar o que há de ruim. Nenhuma matéria está assim tão escancarada diante do jornalista quanto o evento esportivo. E, no entanto, é a matéria jornalística o que menos aparece em transmissão. Tudo o que importa, afinal, é o show dos locutores e repórteres. (COELHO, 2003, p.64)

O jornalista brasileiro vive a permanente ambiguidade entre torcer e informar. É natural que exista uma priorização das competições que tenham atletas brasileiros, mas há limites entre torcer e distorcer. Este ponto de vista é defendido no livro *Jornalismo Esportivo: os craques da emoção*, por Juca Kfourir:

Mas há limites e nem sempre estes são obedecidos. É a velha contradição entre torcer e distorcer. Quando se cobre uma Olimpíada ou uma Copa do Mundo, é preciso ter bem claro que ambas são festas esportivas, não guerras. Se nas guerras a primeira derrota é sempre a verdade, no esporte nada justifica a repetição do mesmo fenômeno. Jornalistas que saem do seu país para um evento esportivo internacional têm apenas um compromisso: com o leitor, com o telespectador, com o ouvinte. (KFOURI, 2004, p.9)

Tratando-se ainda da cobertura esportiva na televisão, o não envolvimento do jornalista esportivo durante as coberturas pode virar tarefa difícil. Uma vez que estará perto de possíveis ídolos e no meio de toda a emoção pertencente a uma partida, é complicado manter a imparcialidade. José Eduardo Carvalho comenta no

livro *Formação e Informação Esportiva* a relação entre jornalista esportivo e esportista:

O envolvimento profissional passou a ser muito mais intenso, o repórter passou a conviver com os atores, saiu da condição de observador atento a participante do evento esportivo em si, e com ele carregava toda a imagem do jornal, e da imprensa especializada, Era trabalhoso “humanizar” sem abrir flancos, às vezes tomar partido de um clube ou de um atleta e ao mesmo tempo evitar abusos e jogo de interesses. Essa vulnerabilidade exigia do profissional doses extras de equilíbrio, distanciamento e postura – numa palavra, ética –, sob o risco de acusar reflexos em seu próprio discurso. (CARVALHO, 2005, p.67)

Não bastassem as peculiaridades desse segmento, por volta dos anos 90 a internet tomou conta do Brasil, e hoje é um meio de comunicação dos mais influentes para disseminar informações. A falta de credibilidade coloca em cheque a qualidade das notícias, uma vez que na internet a velocidade para se colocar uma matéria num site é muito rápida. Por vezes a checagem de dados e informações corretas passa despercebida. Porém, dentro do jornalismo esportivo, a velocidade quase que instantânea é de grande importância já que dessa maneira, as pessoas podem acompanhar o resultado de um jogo em tempo real, lance a lance.

Assim como em qualquer profissão, a ética é um fator relevante. No universo esportivo isso não é diferente, conforme Heródoto Barreiro e Patrícia Rangel afirmam no livro *Manual do Jornalismo Esportivo*, “a ética no jornalismo esportivo têm a mesma importância que qualquer outra área, uma vez que ela baliza as ações humanas, critica a moralidade, e se constitui em princípios e disposições.” (2006, p. 113 e 114).

Algumas condutas de ética também são ressaltadas no *Manual do Jornalismo Esportivo*:

1. O repórter nunca deve privilegiar um ou outro competidor. Ainda que existam favoritos em uma competição, os demais devem ser tratados com dignidade.
2. Não jogue no time do cartola ou do jogador. O segredo da profissão é respeito ao trabalho alheio e isenção. A emoção e a predileção são inimigas de boas reportagens.
3. Não exagere ou minimize uma notícia. Apure a notícia como ela é.

Além da importância de não misturar o profissional com o pessoal enquanto o trabalho durante a cobertura estiver sendo feito:

1. Não esqueça que a postura e o comportamento do repórter refletirão na própria imagem do veículo que ele trabalha.
2. As análises e os comentários devem ser isentos e sinceros. O jornalismo deve fiscalizar rigidamente todas as autoridades esportivas e publicar o que considerar de interesse público, agrade ou não às fontes e os protagonistas.

A editoria de jornalismo deveria ter o mesmo espaço que qualquer outra dentro de um jornal. Mesmo que a cobertura esportiva misture emoção e realidade em boas proporções, o esporte tem um valor de peso para os brasileiros, e deve ser feito com qualidade, conforme afirma Paulo Vinícius Coelho.

A análise tática sobre jogo de futebol vai sempre valer relatos dignos de fazer o torcedor mais fanático se arrepiar tanto quanto a descrição perfeita da partida de futebol. A conquista do título, a jogada brilhante, a história comovente sempre fizeram parte do esporte. (...) O que importa é saber construir uma boa história, priorizar a informação, ter noção exata de qual é o lide da matéria que está por nascer e encadeamento de ideias para tornar a história atraente. (COELHO, 2003, p. 23)

É a experiência que vai ensinar ao jornalista avaliar a importância da informação e definir qual tratamento dar a ela. Apesar disso, a emoção também deve fazer parte do jornalismo. Trazê-la ao jornalismo esportivo nada mais é do que não deixar a beleza de cada esporte ser apenas um retrato cru da realidade, uma vez que assistir a um jogo também é sinônimo de diversão para o brasileiro.

3. HISTÓRIA DA IMPRENSA FEMININA NO BRASIL

“No século XVIII, a imprensa feminina desempenhava um papel importante na Europa. No Brasil, nem imprensa ainda havia. A permissão para o seu funcionamento só veio no início do século XIX” (BUITONI, 1990, p.36). Nessa época, a imprensa do Brasil tinha um caráter noticioso baseado em relatos de viagens, navegações, teatro. Os folhetins não duravam muito e por vezes viviam em função de questões políticas. No século XX, a chegada da industrialização e o crescimento das cidades interferiram no papel da imprensa, uma vez que as pessoas passaram a participar de todo esse processo, conforme afirma Dulcília Schroeder Buitoni no livro *Imprensa Feminina*:

A abolição da escravatura, a república, a imigração estrangeira, o fortalecimento das províncias (atualmente Estados), eleições, formação da classe operária, crescimento da pequena burguesia, novas formas de urbanização, tudo isso vai interferir no papel da imprensa. (...) Nasceram as primeiras empresas jornalísticas e assim o jornalismo começa a se tornar produto de uma indústria. (BUITONI, 1990, p. 42, 43)

A primeira grande revista feminina, fundada por uma mulher, Virgíliana de Souza Salles, surgiu em 1914 e se chamava *Revista Feminina*. “Essa publicação foi o exemplo mais perfeito da vinculação imprensa/indústria/publicidade, pois deve sua existência a uma bem-montada sustentação comercial, hoje ingênua, mas muito eficaz na época” segundo Buitoni no livro *Imprensa Feminina*. (BUITONI, 1990, p. 43). Essa publicação foi considerada precursora das modernas revistas brasileiras dedicadas à mulher.

A autora ainda fala sobre os poucos estudos que rodeiam a história das mulheres dentro da imprensa e as razões pelas quais esse tema merece ser explorado:

A imprensa feminina, embora pouco estudada nos cursos de Comunicação Social no Brasil, seja enquanto processo de produção, seja enquanto análise das publicações que a constituem, é um dos assuntos mais estimulantes para pesquisa, devido às articulações sociais, econômicas e culturais que estão implícitas em sua estruturação. (...) Perceber o que ela representa no mundo atual, jamais resumindo-a a receitas culinárias e contos de amor. No espelho

da imprensa feminina as imagens e as verdades são muitas. (BUITONI, 1990, p. 5)

No livro *Elas ocuparam as redações*, Alzira Dora Rocha, estuda e analisa a entrada das mulheres dentro das redações. A autora ressalta que a presença feminina foi notada na década de 1970 e que não foi considerado um fenômeno do meio jornalístico, mas uma tendência geral observada em todo o país:

Se fizermos um estudo de outras profissões, como medicina, arquitetura, direito pesquisa científica, veremos que até 30 anos atrás elas também pertenciam ao mundo masculino (...) Se, pelo censo de 1950 as mulheres representavam 15,6% da população economicamente ativa, em 2002, de acordo com os dados do Pnad, esse percentual atingiu 43%. O nível de escolaridade das mulheres é superior ao dos homens, o que é um outro dado importante para a explicação do aumento da participação feminina no jornalismo. (DORA ROCHA, 2006, p.9)

Assim como em qualquer profissão, dedicação e amor pelo o que se faz são necessários para que o trabalho saia bem feito. Travancas afirma no livro *Mundo dos Jornalistas*, que “quem vai trabalhar em jornal tem de gostar muito da profissão, ter prazer em exercê-la e pendor para a sua prática; se for só para ganhar a vida, há outras profissões com remunerações bem mais gratificantes.” (TRAVANCAS, 1992, p. 76)

Isabel Siqueira Travancas ainda comenta que o jornalismo não é uma profissão destinada apenas aos homens:

Comentando sobre a paixão que, de certa forma, a ocupação a seu ver exige, acha que ela não discrimina a mulher; ao contrário, é uma profissão de mulher, na medida em que exige abnegação e entrega, qualidades muito femininas (...) Emprega-se o termo “invasão”, ao se referir à presença das mulheres nas redações. Enfatiza ainda que é raro encontrar mulheres em cargo de chefia ou em Esporte. Para compensar, na área de reportagem, as mulheres estão em maioria. Supões haver duas razões para isso: o fato de a mulher se esforçar mais, ser mais dedicada e de seu salário ser geralmente menor. (TRAVANCAS, 1992, p.76)

A jornalista Fátima Bernardes, em entrevista no livro *Elas ocuparam as redações*, comenta que mesmo que as mulheres tenham conquistado espaço dentro de diferentes editorias, dificilmente ocupam cargos de chefia. Acredita-se que o

tempo dedicado à família e aos cuidados da casa tornem as mulheres sobrecarregadas de tarefas, dificultando dessa maneira, confiabilidade e tempo para assumir qualquer cargo de chefia dentro do ambiente profissional:

A nossa dupla jornada dificulta estarmos dentro de chefias. Por exemplo, hoje, se eu recebesse um convite para virar uma editora-chefe do Jornal Nacional, não poderia aceitar. Não teria a disponibilidade de estar, diariamente, de dez – o que significa que a atividade profissional começou antes, óbvio – às 21:30h na televisão (...) Acho que hoje a divisão de trabalho em casa já é melhor – ou seja, já dá para contar com o marido em várias coisas –, mas não é igualitária. A disponibilidade de muitas mulheres ainda não é igual à dos homens, porque ainda se tem aquela concepção de que, quando eles saem de casa para trabalhar, acabou. É a missão deles. E não tem divisão, não tem babá ou empregada que resolva isso, porque um dia a empregada também vai ter problema com o filho dela e vai precisar faltar. Não tem jeito. (DORA ROCHA, 2006, p.271 e 272)

Dulcília Buitoni analisa nas páginas do livro *Imprensa Feminina*, que muitos acreditam que a imprensa feminina não é jornalismo:

No pensamento de muitos, inclusive de estudiosos de Comunicação, a imprensa feminina resume-se em revistas de moda, culinária, fotonovelas, enfim, distração, lazer, consumo, para não dizer alienação. (BUITONI, 1990, p. 11)

Uma vez que o verdadeiro jornalismo reveste-se de mais valor à medida que está ligado à notícia objetiva e ao debate, Buitoni por outro lado, comenta também que “para não entrarmos em choque com os princípios teóricos vigentes do jornalismo, diremos que nem tudo na imprensa feminina é jornalismo”. (BUITONI, 1990, pag.12) Sendo assim e considerando que a imprensa feminina tem penetração no mundo inteiro, vale mais pensar nas suas funções do que caracterizá-la como jornalística ou não.

Nessa linha de raciocínio, interessa afirmar que jornalismo não é uma categoria de julgamento. A imprensa feminina é passível de críticos, porém os critérios para análise não devem partir da oposição jornalismo/não-jornalismo. (BUITONI, 1990, p. 12)

Mesmo que as mulheres tenham conquistado credibilidade e também tenham alcançado as redações e diferentes editorias dentro do jornalismo, elas ainda

passam por problemas em um mercado de trabalho que está em permanente expansão. Porém, se compararmos com outra época veremos que os avanços são notáveis. As mulheres provam que podem ir além do preconceito e ganhar respeito e espaço dentro do ambiente profissional.

4. ELAS NO MERCADO DE TRABALHO

Uma das mais evidentes desigualdades existentes na sociedade brasileira refere-se às relações de gênero - tanto do ponto de vista econômico, social e cultural – constituindo dessa maneira as representações sociais da mulher na sociedade brasileira. A presença feminina ganhou força nas últimas décadas do século XX, quando a inserção das mulheres no mercado de trabalho deu-se de forma cada vez mais crescente.

Mesmo com o avanço da industrialização no Brasil e o avanço do tempo, ainda não foram superadas dificuldades encontradas pelas trabalhadoras no acesso a cargos de chefia e de equiparação salarial com os homens que ocupam o mesmo cargo. Boa parte das mulheres são professoras, cabelereiras, manicures, funcionárias ou trabalham em serviços de saúde, além do serviço doméstico, segundo pesquisa de dados do IBGE (2011):

Tabela 1: Participação da mulher nos grupamentos de atividade econômica.

| Atividades | Homens x Mulheres |
|-------------------------------|--------------------------|
| Indústria | 64% x 36% |
| Construção | 93,9% x 6,1% |
| Comércio | 57,5% x 42,6% |
| Serviços prestados a empresas | 58% x 42% |
| Administração Pública | 35,9% x 64,1% |
| Serviços Domésticos | 5,2% x 94,8 |

Fonte: www.ibge.com.br

Para os historiadores, houve um tempo em que tudo era simples: “quando as mulheres não trabalhavam” ou “trabalhavam muito pouco”. Até chegar aos dias de hoje, onde as mulheres se encontram, não foi tarefa fácil, uma vez que ainda são vítimas de preconceito quando tentam se aventurar em novas áreas dominadas inicialmente pelos homens.

Então, as mulheres apareceram, no início timidamente, nas esferas da maternidade e da assistência ou ainda nos ofícios que a tradição consentia em lhes reconhecer: mulheres das tecelagens e das agulhas, em oposição aos homens das máquinas e das ferramentas. A história do mercado de trabalho mantinha-se fechada, as mulheres relegadas às esferas da precariedade, identificadas como a simples e famosa mão-de-obra de apoio. (MARUANI E HIRATA, 2003, p. 55)

Quando se trata de jornada de trabalho, as mulheres acabam acumulando funções, tendo em vista que muitas vezes elas trabalham fora e dentro de casa, cuidando da família e do lar. Atualmente, temos um quadro em que mesmo sendo bem capacitadas, as mulheres ainda possuem salários desvalorizados em relação à quantidade que os homens ganham, conforme pesquisa do IBGE (2011):

Tabela 2: Rendimento médio real do trabalho, por sexo.

| Ano | Valores: homens x mulheres |
|------------|-----------------------------------|
| 2007 | 1643,43 x 1158,89 |
| 2008 | 1696,82 x 1204,97 |
| 2009 | 1741,41 x 1259,19 |
| 2010 | 1808,39 x 1308,06 |
| 2011 | 1857,63 x 1343,81 |

Outros números também apresentam desvantagens se comparados aos dos homens, como é o caso da pesquisa feita pelo IBGE sobre a inserção das mulheres no mercado de trabalho nas regiões metropolitanas (Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo) do Brasil, onde elas representam 45,5% da população economicamente ativa. Ainda sobre a pesquisa, dados demonstram que elas estão em situação menos favorável não chegando a 40% de mulheres com carteira assinada, enquanto que os homens chegam a quase 50%.

Apesar do preconceito ainda existente na nossa sociedade, as mulheres buscam igualar seus direitos, derrubando o mito de ser o sexo frágil. No esporte as transformações sociais não foram diferentes, já que as mulheres podem participar de boa parte das modalidades esportivas, de grandes eventos - como as Olimpíadas – ou praticando qualquer esporte de seu interesse. No mercado de trabalho, ainda existem diferenças, principalmente salariais. Mas, existe uma tendência que busca acabar com essas desigualdades, uma vez que o que deve ser avaliado é qualidade do profissional, independente do sexo. Nos próximos capítulos vamos analisar a inserção feminina dentro do esporte no Brasil, seguido da atuação da mulher jornalista dentro do universo esportivo.

5. ELAS NO ESPORTE

“A história das mulheres no universo esportivo brasileiro é marcada por rupturas, persistências, transgressões, avanços e recuos. Desde meados do século XIX, elas se fazem presentes nas arenas esportivas como espectadoras e praticantes. No entanto, é a partir das primeiras décadas do século XX que essa participação se ampliou e consolidou.” (Silvana Goelner)

A presença de mulheres exercitando-se fisicamente era vista como uma inovação nessa época. Elas tinham a educação voltada prioritariamente para o casamento e a maternidade. Portanto, para que conquistassem espaço dentro das práticas esportivas não foi tarefa fácil, assim como explica Gertrud Pfister em *Mulheres no Esporte*:

No século XIX, as mulheres, bem como os fogões nos quais cozinham, pertenciam ao lar e não às quadras esportivas. Isto era verdadeiro tanto para a Europa quanto para os EUA. Fazia parte “da natureza das coisas” que meninas devessem ser excluídas das primeiras iniciativas e conceitos de educação física (...).O esporte moderno de origem inglesa era, em sua fase inicial, também domínio exclusivamente masculino. Embora o exercício físico e a competição fossem considerados incompatíveis com a natureza feminina, no final do século XIX algumas mulheres participaram em corridas de bicicleta, em competições de natação e até pára-queda e salto de esquí, causando escândalo no público. (PFISTER, 2004, p.3)

A quebra de recordes passou a ser tão importante para as mulheres quanto à quebra do preconceito em relação a sua participação dentro das competições esportivas. A história da participação feminina é tão antiga quanto a dos Jogos Olímpicos da Antiguidade, onde elas eram proibidas de assistir às competições. O veto às mulheres estava no primeiro item do regulamento olímpico, que proibia a participação do sexo feminino em qualquer modalidade. Só a partir do Renascimento é que as mulheres foram liberadas a praticar algumas modalidades esportivas. Mesmo com a evolução do tempo, o preconceito tem influência até os dias de hoje:

A mulher só conseguiu conquistar um espaço mais significativo no esporte após a mudança provocada pelas idéias dos filósofos humanistas. Apesar de vários avanços, a participação efetiva do sexo feminino nos esportes competitivos aconteceu apenas nos jogos olímpicos de 1900, onze mulheres foram até Paris, na França, para participar dos I Jogos Olímpicos da era

Moderna. Desde então, a participação feminina nos Jogos Olímpicos tem crescido constantemente, a ponto de restarem poucas modalidades que não oficializaram as competições para os dois sexos. (EMANCIPAÇÃO NO ESPORTE, 2008)

Muitos defendiam que as diferenças físicas entre os sexos seriam um fator de impedimento para que as mulheres praticassem esportes como judô, box, karatê, maratona, salto com vara, salto triplo, futebol, basquete e ciclismo, que tanto demoraram para se abrir à participação feminina. Em outras áreas, as mulheres também precisaram lutar pelos seus direitos. Na década de 1920, elas aprenderam a desempenhar papéis masculinos durante a Primeira Guerra Mundial e em muitos países conseguiram o direito ao voto, direito de acesso a universidade e às profissões acadêmicas. No esporte e de acordo com Ângela Schneider em *Mulheres no Esporte*, um ponto relevante relacionado à mulher dentro da prática esportiva é o que alguns pesquisadores chamam de “o preconceito sexual” (2004, p. 345).

O esporte, principalmente o competitivo, também era um domínio no qual as mulheres tiveram de lutar por seus direitos. A oposição em relação à participação do “sexo frágil” em competições esportivas e nos jogos olímpicos ainda não havia sido superada. As provas de atletismo foram particularmente controversas, uma vez que eram o domínio clássico de atletas masculinos desde o princípio. Karl Ritter von Halt, por exemplo, um renomado atleta alemão e membro do COI de 1929 até 1964, declarou nos anos de 1920 que “os homens nasceram para competir; a competição é estranha à natureza da mulher. Assim terminemos com os campeonatos de atletismo feminino” (PFISTER, 2004, p. 4, 5)

O tempo passou e as mulheres conseguiram espaço para participar das competições esportivas mais importantes, mesmo que tratamento desigual ainda existisse. De 1900 a 2000 foram realizadas vinte e quatro edições de Jogos Olímpicos e as mulheres seguiram participando em um número crescente de modalidades, marcas, tempos e recordes pondo por terra o rótulo de sexo frágil:

O tratamento desigual em relação aos atletas do sexo masculino não deixou de existir. Ou seja, da mesma maneira que no mundo profissional a mulher avançou e conquistou seu espaço nas mais variadas funções, mas ainda não venceu as barreiras do preconceito, no mundo esportivo isso também se deu. A imposição da diferença está dada na determinação de prêmios e privilégios que permanecem maiores para os atletas do sexo masculino. E mais uma vez o esporte imita a vida. (RUBIO, 2001, p. 137, 138)

Além de antigamente a participação feminina se restringir ao acompanhamento dos seus maridos e não a participação efetiva como atletas, as mulheres também passaram pelo problema de não obterem reconhecimento pelo trabalho que fazem. Em jornais e revistas é possível notar que o trabalho realizado pelos homens é mais valorizado:

O Esporte é outro tema onde as mulheres não apresentam uma só aparição nas capas como protagonistas. É de alguma forma compreensível para um país que possui o futebol como esporte preferido das massas, que os homens tenham uma representatividade mais ampla que as mulheres. Porém, em esportes como o basquete e o voleibol, as mulheres tiveram consideráveis destaques em competições internacionais. A completa inexistência de capas focando as diferentes modalidades de esportes sem que uma só esteja dedicada à mulher abre espaço para uma reflexão sobre as causas. (ADAMI HELLER e FARIA CARDOSO, 2003, p. 331)

A estreia das mulheres na prática esportiva aconteceu na segunda edição dos Jogos Olímpicos, em Paris, no ano de 1900. O esporte se construiu ao longo do tempo como um fenômeno masculino geralmente associado a força e velocidade. Por isso, as 10 atletas que participaram, competiram no golfe e tênis, esportes considerados de pouco esforço físico pelos organizadores do evento na época.

Desde a primeira participação feminina no maior evento esportivo do mundo, até a primeira medalha, passaram-se cerca de 64 anos. As atletas Jackeline e Sandra conquistaram o ouro em Atlanta (1996), no vôlei de praia. Nesses 112 anos da história da mulher no mundo olímpico muitos foram as dificuldades e contribuições para a edificação do esporte na sociedade.

Nos Jogos Olímpicos de Pequim (2008), a delegação brasileira contou com 277 atletas, 133 mulheres e 144 homens. A delegação feminina conquistou duas medalhas de ouro, uma de prata e três de bronze, contra uma de ouro, duas de prata e cinco de bronze da delegação masculina. Os ouros foram trazidos pela saltadora Maurren Maggi e pela seleção de vôlei. Em Londres (2012), das três medalhas de ouro conquistadas pelo Brasil durante a competição, duas foram ganhas por mulheres. Sarah Menezes no judô e mais uma vez a seleção feminina de vôlei. Sarah entrou para a história do esporte nacional ao ser a primeira mulher a

conquistar uma medalha de ouro para o judô feminino. A inclusão da mulher dentro do esporte vem crescendo, de acordo com dados do Comitê Olímpico Brasileiro:

Tabela 1: Progressão no número de participantes nos Jogos Olímpicos

| Ano | Local | Participantes | Mulheres |
|-------------|--------------|----------------------|-----------------|
| 1992 | Barcelona | 197 | 51 |
| 1996 | Atlanta | 225 | 66 |
| 2000 | Sydney | 205 | 94 |
| 2004 | Atenas | 247 | 122 |
| 2008 | Pequim | 247 | 133 |
| 2012 | Londres | 257 | 122 |

Fonte: Comitê Olímpico Brasileiro, 2012/www.cob.org.br

A presença feminina no esporte está ligada também à luta contra o preconceito e a conquista de reconhecimento:

Normal é que não haja preconceito. Homens e mulheres devem ter os mesmos direitos. Os mesmos níveis salariais (...) Devem ter as mesmas oportunidades. O que não se pratica em boa parte do país. (COELHO, 2003, p. 34)

Atualmente, além das mulheres poderem participar de qualquer modalidade esportiva, em grandes competições, é possível também acompanhar o trabalho que elas fazem dentro de campo e dentro das redações esportivas. Elas invadiram os gramados, quadras, ginásios e espaços para competições ao ar livre, como repórteres, comentaristas, juízas, bandeirinhas. Com o tempo as mulheres buscam mostrar um trabalho competente e de credibilidade frente aos amantes do esporte e toda a sociedade.

6. ELAS NA COBERTURA ESPORTIVA

Como foi ressaltado no capítulo sobre a história da imprensa feminina no Brasil, a presença das mulheres começa a aparecer na mídia no final do século XIX e desde aquele momento vem ganhando espaço significativo dentro da sociedade. Dentro desse contexto, as mulheres aproveitaram essa ascensão nos meios de comunicação e passaram a utilizar a imprensa como forma de expressar sua luta social, conforme descreve Janaína Cruz de Oliveira:

O jornalismo feminino da segunda metade do século XIX foi feminista, pois as mulheres, que antes de serem escritoras e jornalistas eram mães e esposas, como a sociedade lhes exigia, expressavam nos textos um discurso reivindicatório em favor próprio. (OLIVEIRA, 2005, p. 2)

Para alcançar novos postos de trabalho e transformação nas relações sociais, a mulher ampliou sua atuação através da influência midiática. Essa evolução foi importante e possível porque o sexo feminino se tornou consciente do seu papel dentro da sociedade moderna. Foi dessa maneira que as mulheres assumiram o território da informação, nas palavras de Oliveira:

Por volta de 1850, as mulheres aproveitaram o crescimento da imprensa brasileira para criar canais de informação e de troca de ideias sobre o que pensavam e diziam delas próprias, contradizendo o que a sociedade dizia ou lhes exigia, o que representa uma espécie de autoconscientização de sua condição feminina (OLIVEIRA, 2005, p. 2)

De maneira geral as mulheres estão cada vez mais presentes em áreas profissionais que antes eram dominadas pelos homens. Dentro do jornalismo esportivo não é diferente, apesar de que a presença feminina dentro das redações é mudança recente. “Era quase impossível ver mulheres no esporte até o início dos anos 70. A coisa mudou. Não que hoje as redações esportivas tenham o mesmo número de mulheres em relação ao contingente masculino”. (COELHO, 2003, p. 34)

A luta por espaço entre o mundo esportivo não é atual. A história polêmica da participação feminina nos esportes é tão antiga quanto os Jogos Olímpicos da Grécia, onde só os homens competiam e as mulheres nem mesmo assistiam aos

jogos. As mudanças foram muito lentas, mas as mulheres conquistaram seu espaço no mundo dos esportes. Ainda no final do século XX, as mulheres lutavam para obterem maior participação feminina no esporte brasileiro. A primeira ciclista brasileira a participar dos Jogos Olímpicos foi Claudia Carceoni, em Barcelona/1992, e também foi a única a participar do Tour de France em 1989. Estas mudanças repercutiram diretamente nos programas esportivos da telinha. As mulheres vieram para soltar o verbo; entendem de basquete, rali, fórmula 1 e futebol. Em geral, aquelas que estão à frente do jornalismo esportivo não deixam de fazer parte do imenso grupo de amantes e praticantes femininas de esportes. (RAMOS, 2008)

Na primeira edição dos jogos olímpicos, em Atenas (1896), as mulheres foram proibidas de participar e até mesmo de assistir às competições. Mesmo com os avanços do tempo e as novas construções sociais, o interesse das mulheres pelo esporte é visto de forma diferente. “É sempre visto como algo curioso uma mulher que parece entender de esportes” (COELHO, 2005, p.35). O número de homens que costumam acompanhar competições esportivas, ainda é maior que o número de mulheres, mesmo diante das transformações:

Mas é possível até que o índice feminino na redação reflita o interesse da população. Se em um estádio de futebol, autódromo ou ginásio há mais homens do que mulheres é normal que haja também índice diferente de homens e mulheres na redação. (COELHO, 2003, p.34)

Apesar do preconceito não existir mais de maneira tão forte, as mulheres que trabalham, estudam e se interessam por esporte - seja futebol, vôlei, natação, judô, basquete - ainda precisam demonstrar a cada dia que possuem a mesma capacidade que qualquer outro homem para cobrir e debater um jogo ou qualquer outra competição esportiva. Mesmo dentro das editorias jornalísticas, normalmente elas são encaminhadas para cobrir outra área do que a esportiva, ou são enviadas para cobrirem esportes que não são tão populares aqui no Brasil:

O caderno de esportes do Estado de S. Paulo já teve mulher no comando. Isabel Tanese permaneceu quase três anos no cargo (...) Kitty Balieiro é chefe de redação da ESPN Brasil, um dos canais de TV do país especializados em esporte. Mas é sempre visto como algo curioso uma mulher que parece entender de esportes (...) Pode-se dizer que as redações de esporte do país têm 10% de mulheres (...) O fato, no entanto, é que as mulheres na maior parte são encaminhadas para as editorias de esportes amadores. É mais fácil demonstrar

conhecimento sobre vôlei, basquete e tênis do que sobre futebol e automobilismo. Territórios onde o machismo ainda impera. (COELHO, 2003, p. 35)

Sobre as coberturas de Copa do Mundo, a jornalista Fátima Bernardes relatou o que pensa sobre a presença feminina cada vez maior dentro desse ambiente:

A questão não é ser mulher. Você não estar no dia-a-dia é diferente. Quando o enfoque não é no noticiário esportivo, as mulheres conseguem às vezes algumas coisas diferentes". Fátima acredita que a onda de mulheres na cobertura esportiva veio para ficar. "Na cobertura dos jogos olímpicos já temos mais mulheres. Sem falar nas redações, onde elas já representam 50% dos profissionais. Aos poucos, o número de mulheres nas coberturas de Copa vai aumentar. (MULHERES "assaltam" cobertura jornalística da Seleção: Terra – Brasil, 2008)

A mulher consegue desmitificar a ideia de que o mundo dos esportes só pertence aos homens e que elas não têm competência para discutir. O poder de comunicação em massa contribui para que as mulheres consigam conquistar credibilidade do público ao assistir um programa e ter como protagonista uma mulher apresentando, por exemplo. Oliveira comenta que existem diferenças entre homens e mulheres, e que apesar disso:

Há uma cultura feminina própria que fez com que as mulheres ousassem fazer uma proposta paridade/igualdade com os homens. Esta cultura é o fundamento da diferença: mulheres são diferentes, uma vez que, no centro de sua existência coabitem valores diversos como a ênfase no relacionamento interpessoal, a atenção e o cuidado com o outro, a proteção da vida, a valorização da intimidade e do afetivo e a gratuidade das relações". (OLIVEIRA, 2005, p. 10)

Atualmente as mulheres vêm demonstrando que são capazes de trabalhar dentro das editorias esportivas, uma vez que a cada dia elas conquistam mais espaço dentro dessas redações. Quebrando alguns tabus e preconceitos, elas querem que o poder feminino seja reconhecido pelos seus chefes, companheiros e por todo o público que acompanha o esporte de perto.

Na *TV Globo*, as mulheres estão à frente do principal programa de esporte, transmitido aos domingos, o *Esporte Espetacular*. No comando de Glenda Kozlowski a atração transmite reportagens sobre diferentes esportes pelo mundo todo. No

Globo Esporte local - DF – o programa fica por conta de Viviane Costa que todos os dias apresenta matérias sobre os esportes que movimentam Brasília. Nas outras emissoras, como a *Record* e a *Band*, a presença feminina também é notada. No *Esporte Fantástico* (Record), duas jornalistas comandam as reportagens: Mylena Ciribelli e Cláudia Reis. O programa *Jogo Aberto*, da Band, tem como apresentadora desde 2007, Renata Fan, primeira mulher a comandar uma mesa redonda de futebol no Brasil.

Na TV fechada, os canais *Sportv* e *Espn Brasil* também possuem suas apresentadoras e comentaristas que debatem sobre diversos temas que envolvem tanto o esportes nacionais, quanto os mundiais.

Grandes nomes surgiram para marcar a presença feminina no jornalismo esportivo. A participação das mulheres no esporte e a credibilidade do jornalismo esportivo estão nas mãos delas, que desde a Grécia Antiga, lentamente, conquistaram com méritos seu espaço.” (RAMOS, 2008)

Regiane Ritter, jornalista, trabalhou na cobertura de três Copas do Mundo. Era bem-informada e mostrada que entendia do assunto melhor do que muitos homens. “Quando ela começou, certamente havia muito mais preconceito do que hoje, tempo em que o espaço existe para ser conquistado”. (COELHO, 2003, p. 35). A presença feminina nos noticiários esportivos leva a refletir sobre uma nova evolução da condição das mulheres diante da sociedade e do universo esportivo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como ponto de partida analisar e entender a participação feminina dentro do jornalismo esportivo no Brasil. Para chegar aos objetivos o estudo discutiu pontos importantes sobre a presença da mulher no jornalismo esportivo. Os temas foram: a história do jornalismo esportivo, a história da imprensa feminina, a mulher dentro do mercado de trabalho, dentro da prática esportiva e por fim dentro da cobertura esportiva, como profissional da área.

O objetivo geral da pesquisa foi alcançado ao conhecermos como foi feita a inserção das mulheres no mercado de trabalho esportivo, passando pelo passado e pelos dias atuais. Assim como as barreiras que foram e são enfrentadas pelas mulheres no meio profissional e dentro da sociedade brasileira como um todo. Além disso, foi analisada a construção social do esporte no Brasil, junto com a importância social da mulher dentro do ambiente esportivo, sua história e conquistas. Conseguimos compreender também (através de dados) algumas diferenças entre homens e mulheres dentro do mercado de trabalho.

No que tange ao que foi estruturado durante todos os capítulos, percebemos que a mulher não está totalmente inserida no meio esportivo. Os homens ainda dominam essa área dentro das redações. Mesmo que elas participem como âncoras, dificilmente é notada a presença feminina narrando um jogo ou comentando, debatendo abertamente sobre qualquer tema relacionado à área esportiva brasileira.

Outro fator que merece ser evidenciado é o preconceito relacionado ao trabalho que as mulheres exercem no meio esportivo. Ao mesmo tempo em que os homens acreditam que as mulheres são capazes e qualificadas, afirmam também que o trabalho feito por uma jornalista é pouco crítico. No mercado de trabalho as mulheres ainda enfrentam barreiras relacionadas à falta de espaço e a diferença de remuneração em relação aos homens.

Nas práticas esportivas a presença feminina foi notada nas Olimpíadas de Paris, em 1900. Antes disso não era permitido nem a presença delas dentro dos ambientes onde os jogos aconteciam. Atualmente a situação é completamente diferente, uma vez que elas participam de diversas modalidades esportivas, quebram recordes, se equiparam aos homens no número de participantes e

quebram antigos tabus que diziam que as mulheres só deveriam praticar atividades de pouco esforço físico.

Portanto, percebemos com essa pesquisa, que o preconceito e a discriminação, que sempre existiram contra as mulheres, foram responsáveis pelas barreiras enfrentadas por elas desde os séculos passados até os dias atuais.

Os dados apresentados e o embasamento teórico podem gerar outras explicações e novas análises diante de tudo que foi exposto, uma vez que o trabalho apresentado não busca conclusões que não possam ser discutidas e reavaliadas. A meta é propor novas pesquisas e fazer com que este assunto seja debatido entre professores, estudantes, pesquisadores. Acredito que este ponto de partida possa alavancar outros estudos posteriores para a vida profissional de mulheres jornalistas que, como eu, apreciam o esporte e o acompanham com olhar crítico e observador.

11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alzira Alves (org) e ROCHA, Dora (org). ***Elas ocuparam as redações***. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

ADAMI, Antonio (org) HELLER, Bárbara (org) e FARIA CARDOSO, Haydée Dourado de (org). ***Mídia, Cultura, Comunicação.2***. São Paulo: Arte e Ciência Editora, 2003.

BARBEIRO, Heródoto e RANGEL, Patrícia. ***Manual do Jornalismo esportivo***. São Paulo: Contexto, 2006.

BUITONI, Dulcília Schroeder. ***Imprensa Feminina***. São Paulo: Ática, 1990.

CARVALHO e SILVA, José Antônio de. ***Estresse no trabalho: machismo e o papel da mulher***. Rio de Janeiro: Muiraquitã, 2006.

COELHO, Paulo Vinicius. ***Jornalismo Esportivo***. São Paulo: Contexto, 2003.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. Disponível em: < <http://www.cob.org.com.br>>. Acesso em: 17 de maio. 2013

DRINKWATER, Bárbara (org). ***Mulheres no esporte***. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

EMANCIPAÇÃO NO ESPORTE. Disponível em: <<http://www.geocities.com/baja/cliffs/5984/emanc.htm>>. Acesso em: 24 de abril. 2013

ESPN BRASIL. Disponível em: < <http://www.espn.com.br> > Acesso em: 20 de maio.2013

ESPORTE FANTÁSTICO. Disponível em: <<http://esportes.r7.com/esporte-fantastico/>> Acesso em: 20 de maio. 2012

GLOBO ESPORTE. Disponível em: < <http://www.globoesporte.globo.com> > Acesso em 20 de maio.2013

HISTÓRIA do Esporte Disponível em:

<<http://www.ueonline.com.br/universidadedoesporte/historia%20do%20esporte.htm>>
. Acesso em: 20 de abril. 2013

IBGE: Mulher no Mercado de Trabalho. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/pesquisa/pesquisa_google>. Acesso em: 5 de maio. 2013.

JOGO ABERTO. Disponível em: <<http://esporte.band.uol.com.br/jogoaberto/>>
Acesso em: 20 de maio. 2012

LIIDTKE, Daniel. **A imprensa de salto alto.** Disponível em: <
<http://www.canaldaimprensa.com.br/canalant/debate/decedicao/debate1.htm>>.
Acesso em: 3 de abril de 2013.

MARUANI, Margareth (org) e HIRATA, Helena Sumiko (org). **As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho.** São Paulo: Senac, 2003.

OLIVEIRA, Janaina Cruz de. **O discurso da mulher nos primórdios do jornalismo brasileiro,** Trabalho encaminhado ao INTERCOM JUNIOR, 2005.
Disponível em:<<http://intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0115-1.pdf> >
Acesso em 15 de maio. 2013

RAMOS, Ana Paula. **Canal da Imprensa.** Disponível em:

<<http://www.canaldaimprensa.com.br/canalant/midia/vintedicoes/decedicao/midia3.htm>>. Acesso em: 12 de abril. 2013.

RUBIO, Kátia. **O atleta e o mito do herói: O imaginário esportivo contemporâneo.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SporTV. Disponível em: < <http://www.sportv.globo.com>> Acesso em: 20 de maio. 2012

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. ***O mundo dos jornalistas***. Rio de Janeiro: Summus Editorial, 1992.